

Quais são os limites entre restauração e modificação em um equipamento? Pode um rádio histórico ser modificado para voltar a funcionar?

Fomos ouvir, para enriquecer esta edição de ANTENNA, a opinião de alguns especialistas sobre o tema das restaurações e recuperações de rádios antigos.

Para o colecionador, pesquisador e restaurador **Marcelo Cipulo de Almeida** (<https://www.facebook.com/iovismaximus>), basicamente restauração é respeitar tudo o que era feito na época. *"É procurar trazer a peça às suas condições originais, utilizando componentes e técnicas originais, que eram usadas na época"* — aponta o restaurador.

O dedicado e competente restaurador explica: *"Você não vai restaurar uma peça de 1920, por exemplo, usando parafuso tipo Philips, que somente surgiu na metade final da década de 30. Você vai procurar, num rádio dos anos 20, usar fiação de pano — ainda que seja fiação moderna, mas de pano. Então são esses pormenores: você vai procurar não desvirtuar a peça, não é só questão de aparência: caso a gente acabe 'modernizando' alguma coisa, deve ser para garantir a segurança"* — aponta o restaurador.

Marcelo Cipulo Almeida comenta também sobre a tendência do **"restomod"** (*restoration + modification*), que surgiu em certos setores da retrônica.

Restomods são equipamentos clássicos sendo atualizados com componentes modernos e novas tecnologias. É a adaptação de módulos *bluetooth*, *ps3* e outros dispositivos modernos, por exemplo, nos equipamentos antigos.

"Quando se faz uma intervenção que modernize alguma coisa — vamos imaginar, uma válvula por diodo — vamos criar aquilo que os americanos chamam de restomod, uma restauração/modernização. Já não é mais aquela coisa tão original assim. Não é uma restauração propriamente dita. É uma ressignificação, como quando você pega uma peça da época e moderniza — como um rádio Philips da década de 30 e coloca um circuito transistorizado nele. Isso não é restauração. Na verdade, é uma ressignificação, um reaproveitamento estético", complementa Marcelo de Almeida.

Figura 10. Daltro S. D'Arisbo, do Museu do Rádio, outro talentoso restaurador e pesquisador, tem opinião semelhante: "Restaurar um rádio nos traz a ideia de quando o objeto foi construído".

Convidado por ANTENNA para se pronunciar a respeito do tema "Restauro e Recuperação", o dedicado colega e brilhante restaurador **Daltro S. D'Arisbo** (<https://www.facebook.com/daltrosouza.darisbo>) gentilmente nos encaminhou o seguinte texto, sobre a arte da restauração:



RESTAURO E RECUPERAÇÃO

O sentido dos verbos *restaurar* e *recuperar*, bem como das ações que lhes são atribuídas, são bem distintos no vernáculo.

Em termos amplos, *recuperação*, como o *conserto* de receptores antigos, incide numa barafunda gramatical e pode ser origem de verdadeiros objetos que nos assustam: o vulgo e sua linguagem coloquial confundem amiúde os seus significados.

A restauração de um equipamento de rádio, *stricto sensu*, é a ação ou o conjunto de ações que visam o restabelecimento, a restituição das funções e aparência iniciais do receptor. Tal nos traz a ideia de quando o objeto foi construído. São trabalhos maravilhosos de restauração que alguns poucos dedicam aos rádios, através de um amor platônico, não exclusivamente comercial.

Ora, qual o atributo essencial de um aparelho de rádio? Fazer ouvir o que emitem as emisoras, produzir som audível e inteligível. Apenas estas menções podem nos transmitir uma noção da diferença entre *restaurar* e *recuperar*.

Se um rádio deixa de funcionar, temos que *recuperá-lo*. Porém, isto não significa a uma expressiva maioria, em *restaurar* as suas condições de fábrica!

O restaurador, guardadas a gramática e o nosso sentido, tem a obrigação em ater-se às condições originais, externas, o gabinete e internas, o esquema de quando o aparelho foi construído, trabalhando com um máximo de habilidade técnica e estética.

Entretanto, é absolutamente aceitável que um proprietário de um receptor exclame "**Joaquim 'restaurou' o papagaio que era do meu avô; o rádio não falava e agora está bom**". Afora a lembrança de que rádio *não fala* e *sim funciona*, pouco importou àquele possuidor se num receptor de 1930 foi posto um diodo retificador ou uma resistência de ferro de passar roupa... **Funcionou, está bem!** O Joaquim apenas *recuperou* o aparelho! Evidente e compreensível que haja recuperadores, consertadores, que necessitam dos seus conhecimentos para viver!

O *restauro*, ao senso dos verdadeiros *restauradores*, incide em muitas pesquisas, como a história do fabricante, o ano de fabricação, o esquema e o gabinete. Enfim, o resultado deve contemplar a função primordial do receptor — recepção dos sinais das emisoras e sua conversão a sons compreensíveis, respeitados ao máximo e aparência externa e os componentes da época.

Como exceção excepcionalíssima, lembramos os casos de impossibilidade comercial ou técnica de uma *restauração* absoluta, causadas pelo tempo entre a feitura do receptor e a *restauração*. Como exemplo citamos componentes como baterias, espécies de madeira, pigmentos e fiação, entre tantas.

Enfim, *recuperação* — mera *reabilitação*, pode apresentar knobs plásticos da Philips em receptores "cathedral" ou "tombstone" do início dos anos 1930, os quais usavam knobs de madeira. Na verdadeira restauração, ações como esta assemelham-se a um abantesma — figura fantasmagórica, frankensteiniana.

Assim compreendemos a distinção entre *restauro* e *recuperação*. — Daltro S. D'Arísbo, janeiro de 2025.

O colega Daltro D'Arísbo, brilhante restaurador e pesquisador, tem razão. Acrescente-se que, com o modismo pelos rádios antigos, todo mundo hoje em dia se intitula "restaurador". Poucos realmente o são. Não basta a intenção de restaurar. Não basta também possuir alguma habilidade: é preciso pesquisar, conhecer o objeto histórico em profundidade, como funciona, como foi feito, para intentar uma verdadeira restauração.

Sujeira de cupins e ferrugem não transformam um rádio em preciosidade. Sujidade de cupim não confere "autenticidade" ao objeto antigo. Ao contrário, deprecia o equipamento.

Ferrugens no chassi nem sempre são “marcas do tempo”: podem significar que o rádio antigo teve má conservação, teve contato com umidade ou foi usado desleixadamente. Um item histórico tem maior valor, como testemunho de uma época, se foi bem utilizado e conservado. Não são apenas as modificações que desvalorizam o objeto: a degradação do estado original de uma peça histórica, por mau uso, prejudica o seu valor documental.

Na restauração fiel são admitidos limpezas, polimentos e reparos usando materiais e métodos originais. Se o gabinete do aparelho tinha acabamento em goma laca, caso seja renovado com vernizes automotivos, por exemplo, o aspecto original do rádio possivelmente sofrerá alguma alteração, em termos de brilho e nos tons da madeira. Não será uma restauração fiel, será uma recuperação. Acabamentos no mobiliário em certos rádios antigos são quase uma tarefa para artistas na marcenaria.



Figura 11. *Restaurações de rádios antigos podem requerer não apenas conhecimento sobre eletrônica valvulada, mas também habilidades em marcenaria, madeiras e acabamentos finos. Rádio Philco modelo 37-61B, de 1937: o que parece ser um acabamento em madeira ródica é uma requintada técnica de decalque de padrão fotográfico — de extrema dificuldade para ser replicada. Somente peças bem armazenadas e muito bem cuidadas conseguem chegar em condições tão esplendorosas na atualidade. O aparelho utiliza as válvulas 6A8G, 6K7G, 6Q7G, 6F6G e 5Y4G. Observação: funciona em 115 V — para a operação de receptores projetados para 110 ou 115V nas redes atuais do sistema brasileiro, cuja tensão pode chegar a até 133V, é recomendável o uso de transformador abaixador. O belíssimo exemplar mostrado é também do acervo de Andreas Triantafyllou.*

O especialista, restaurador e pesquisador, **Andreas Triantafyllou**, de São Paulo, consultado por ANTENNA, é de opinião, igualmente, que os rádios valvulados devem ser restaurados respeitando-se as características de fábrica: